

QUINTA-FEIRA
Lisboa--3 de Janeiro--1929

5 TOEES
FIXE

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre 137

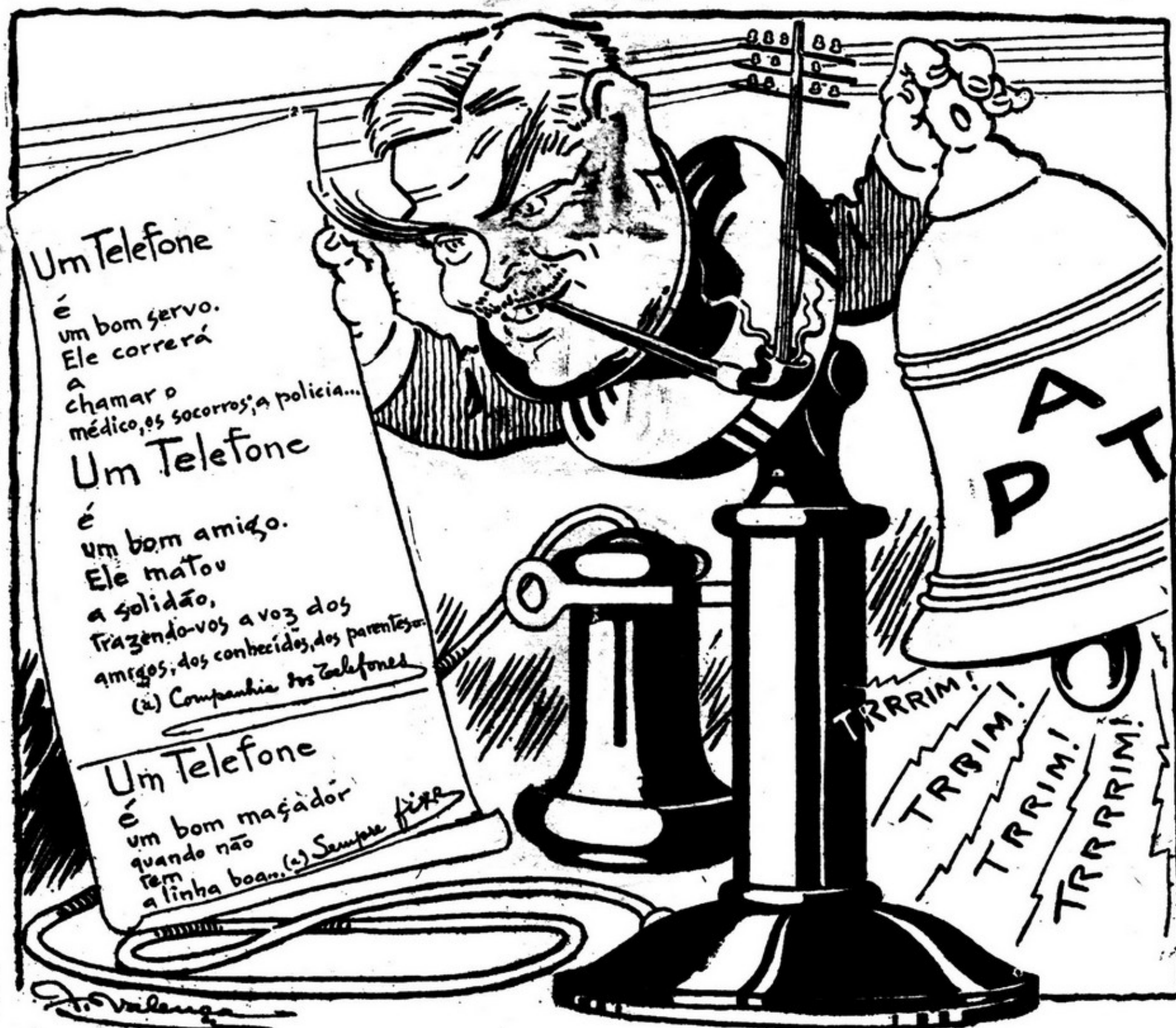
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRETOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

«Time is money»... e o telefone é tempo



O belo invento de Bell, belamente desenvolvido por Mister Thomas Poppe, que poupa aos seus assinantes tempo e dinheiro.



Os ditos da semana



Habitantes de mica

Proliferam em Portugal os astrônomos, os homens que andam na lua, com a cabeça no ar. Ainda há dias se revelara um na provincia e, logo a seguir, apareceu outro, mais perfeito e mais completo do que o primeiro, levando a palma ao sr. Nunes da Mata, excedendo mesmo em sabedoria o sr. dr. Costa Lobo, que viu sinais luminosos em Marte, como quem vê mosquitos na outra banda e o outro vê sinais igualmente luminosos em Saturno, como quem vê um luzec dentro dum torno em chamas.

A este, ao sr. J. Reis Varela, parece-lhe que em Saturno ha uma civilização muito elevada, o que não admira, estando Saturno lá tão em cima que só o sr. Varela é capaz de a vêr.

E não é só isto o que parece ao sr. Reis Varela. Ao sr. Reis Varela parecem-lhe muitas coisas. Parece-lhe, por exemplo, que Saturno é habitado e a nós também. O que ao sr. Varela esqueceu dizer a estes seis milhões de ignorantes que lêem os jornais onde ele despeja a sua sciencia dos astros, é que os habitantes de Saturno, que é um astro em braza, são todos feitos de mica, como as chaminés de certos candieiros de petroleo, para não se queimarem. E estando eles em braza, como em braza está Saturno, não admira nada que eles se ponham lá de cima a fazer sinais luminosos ao sr. Varela, sem despeza nenhuma, sem gaz, sem electricidade, sem estearina e sem azeite, coisa que o sr. Reis Varela não é capaz de fazer à noite, no seu quarto de dormir, para não descalçar as peugas às escuras.

Estamos pois, em presença de uma descoberta sensacional, a que o publico não está dando a verdadeira importancia e de que está talvez até fazendo pouco neste momento.

Raça de ignorantes.

Sempre queremos vêr a cara que o leitor descrente hade mostrar daqui a um ano, quando o sr. Varela demonstrar, como anunciava no *Seculo* de quinta-feira passada, que as comunicações interplanetarias estão definitivamente estabelecidas.

E que não diga ninguem que em Portugal não se cultiva, além do fado, e das revoluções, a verdadeira sciencia do ceu.

O *Sempre Fixe*, sempre

pronto a patrocinar todas as iniciativas uteis, abre os braços ao sr. Varela e pede-lhe encarecidamente que obtenha, quanto antes, um exemplar dos tais habitantes de mica que ha em Saturno, para com ele presentearmos a Camara Municipal, afim de servir de modelo para confeccionar alguns bombeiros incombustiveis, cuja utilidade não será necessario encarecer.

Fotografias no estomago

Estupendo o progresso da sciencia. Lá fóra fizeram-se os primeiras experiencias de fotografia dentro do estomago, para o que o paciente engole uma minuscula maquina fotografica que, automaticamente, lhe tira dezasseis retratos do estomago. Essas fotografias veem contar à gente, tudo o que se passa lá dentro, revelando, além da presença do feijão branco e da oreheira de porco, a presença de todas as lesões que houver. O medico especialista distingue depois, com olho clinico,

o que é feijão branco, do que é ulcera, fleimão, abcesso ou gazes deleterios.

Quando se chega a esta perfeição, já se não sabe que mais maravilhas nos reserva o futuro.

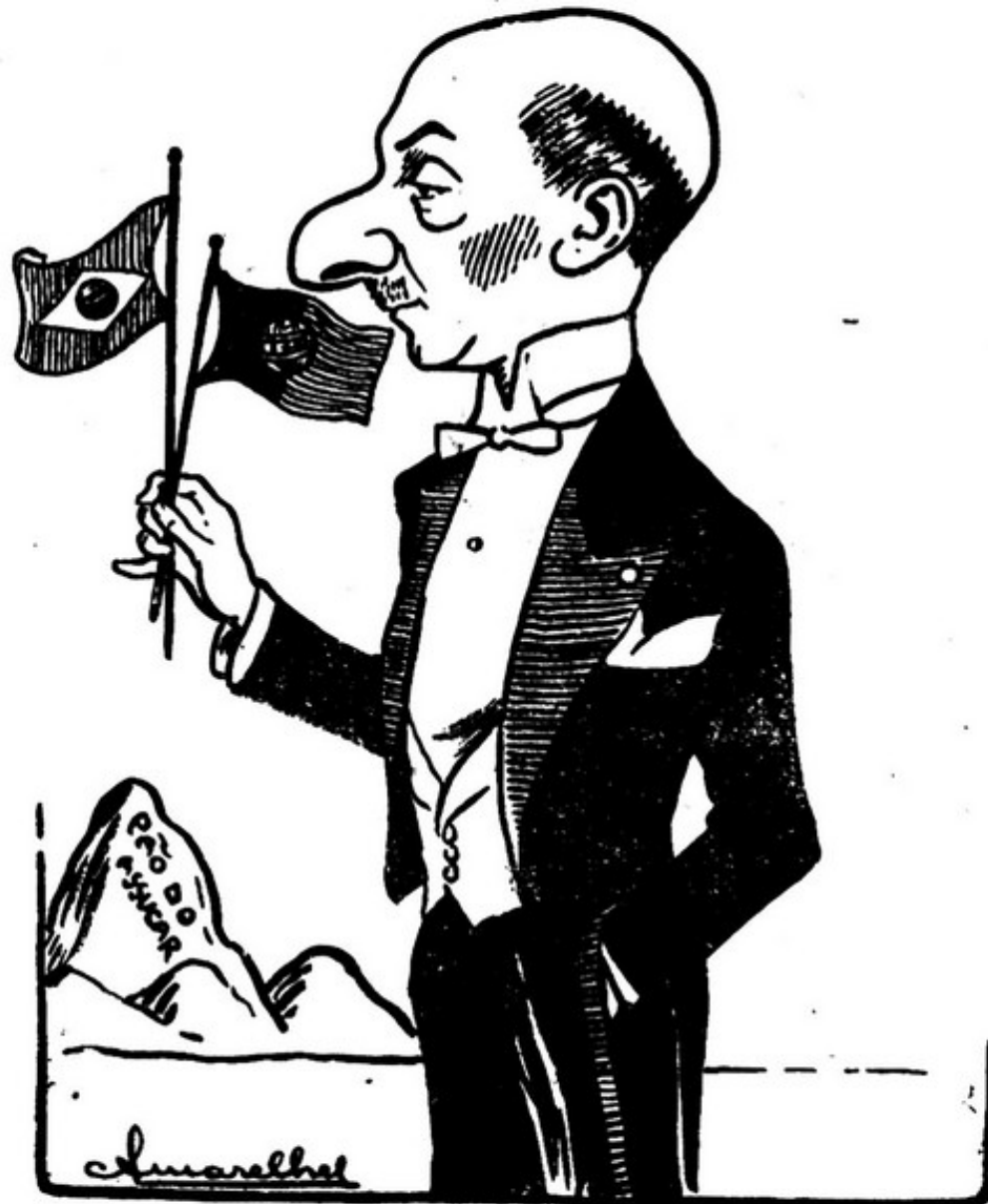
O mais curioso é que, no dia seguinte, perante as provas insofismaveis da doença, o medico exclamará:

—Olá, cheira-me aqui a coisa grave!

Cara e etade

Uma japoneza chamada Hukodo Kanada suicidou-se, deixando uma carta ao marido na qual confessa ter tomado aquela resolução por não lhe saber coser as peugas. Por motivo tão futil, talvez nunca ninguem tivesse posto termo à existencia. Avaliamos o desgosto do sr. Kanada ao vêr se viuvo, tanto mais que, sendo sua mulher, conforme refere o seu nome, Hukodo Kanada, ele deve ter sentido morrer-lhe, senão a sua cara metade, pelo menos uma parte de si mesmo. Mas que diabo de cara teria o sr. Kanada?

AMIGOS DE PORTUGAL



Dr. Lafayette de Carvalho e Silva, Conselheiro da Embaixada do Brasil

Sorte grande, pouca sorte

Um homem de bem, um homem de palavra, um homem de bom coração, um homem sentimental, não pode apanhar a taluda. Se a apanha está desgraçado.

Não ha nada como a miseria que torna a gente desconhecido e nos põe a coberto do ataque dos maçadores, dos pedinchões e dos invejosos.

Um homem ignorado a quem nunca saiu nem sequer um boneco de celuloide, numa rifa de caridade, é um ente feliz, que não dá nada a ninguem, a quem ninguem pede coisa alguma e cuja consciencia não manda repartir com os outros uma codea do seu pão, ao contrario daquele infeliz *Adeus ó menina* a quem a sorte grande meteu 855 contos pela porta dentro e começou a distribuir dinheiro honradamente, começando pelo da *Taluda* e acabando pelo do carapau.

Aquele homem saiu-lhe a desgraça na lotaria do Natal, porque nunca mais ninguem acredita que ele não tenha uma arca cheia de notas de conto, atraz da porta, para distribuir por amigos e conhecidos.

Emquanto houver dinheiro da *Taluda* bem vai ela, mas quando se acabar não haverá cachucho que chegue para as despezas.

O *Sempre Fixe* prevê uma calamidade: um homem individualizado por lhe ter saído a sorte grande.

Metropolis Madame Debecke contesta a Fritz Lang, a paternidade da grande fita *Metropolis*, acusando Lang de a haver roubado. Estamos pois em presença de uma fita filha de pae incognito, que duas pessoas querem perfilhar.

Não sabemos de que lado estará a razão, mas não podemos deixar de reconhecer que, quando uma mulher nega a um homem a paternidade de um filho, ha mais razão para acreditar na mulher do que no homem. Ela lá sabe...

Naturalmente agora vae correr um processo de investigação de paternidade ilegítima e Fritz vêr-se ha verdadeiramente fritz, quando reconhecer que tem de pagar a filha adotiva com Lang de palmo.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

RAMADA CURTO



Comentário do Sapo:
— Quem não quer ser Doninha, não lhe veste a pele...

NA capital do norte ha um jornal que se dedica «carinhosamente» — o termo é do proprio jornal — a teatro e a coisas de teatro. Pois bem. «Carinhosamente» tambem, refere-se num dos seus ultimos numeros á grande actriz A. A. Depois de lhe chamar «a figura de maior prestigio» e de que «guardamos como sacrosanta reliquia dos tempos aureos de Emilia das Neves, Virginia, Lucinda, Angela, Rosa Damasceno»... — escreve o seguinte:

«A. A., ha um ano, deixou de ocupar o lugar a que tinha pleno, absoluto direito — T. N. A. G. — indo ocupar um outro, num teatro de revista, onde lhe foi dado desempenhar numeros como *Velha do Balão, Rosa Engeitada, Deitadesas, Velha dos Gatos* e quejandos — papéis esses incompatíveis com seu gloriosissimo nome.

Formou-se, depois, a grande companhia A. A. A. M. M., esforço formidavel criado num ambiente de carinho e admiração. Neste novo lugar, pensava-se, A. A. estava bem. As peças sucederam-se. E veio *O Domador de Sogras*, comedia interessantissima que representa um sucesso intransponível. Nesta peça, porém, pode estar tudo certo, — menos A. A. num papel de criada, numa ridicula caricatura que a alturas tantas tem de dar uns perigosissimos saltos em plena scena — para obrigar o publico a rir, a rir ás gargalhadas, como de facto ri.

Anuncia-se que a companhia do T. P. está fazendo a escolha das peças que no cartaz daquele teatro se hão de succeder a *O Domador de Sogras*. Por hoje limito-me a chamar a sua atenção para o facto que acima aponto, na esperança de que á Artista eminente que é A. A. sejam sómente confiados papéis compatíveis com seu alto, respeitabilissimo nome!»

Merece o nosso inteiro aplauso este artigo! Haja a coragem de dizer a verdade! Acabe-se o teatro... mas acabe-se bem! Não o queiram transformar em circo! Lembrem-se de que o eminente e saudoso artista A. R. nem nas peças de carnaval entrava! Sigam-lhe o exemplo, só menos, os que tem valor!

OS dramaturgos franceses estão assustados pela invasão do teatro estrangeiro. Em oito teatros parisienses representam-se neste momento, oito peças inglesas e americanas. Os autores dramaticos estão apavorados. Gritam nos jornais: «E' a invasão! O que se está passando é triste para a dramaturgia francesa!»

Uma peça norte-americana «Broadway» está a completar cem representações! A' frente dos autores estrangeiros, se figurassem: Ibsen, com o seu genio; Tolstoi, com a sua gloria, ou Shaw, com o seu espirito, bem estava... mas estes nomes desapareceram depressa dos cartazes e ficam os outros, os desconhecidos!

Entre nós, apesar de se dizer que o teatro estrangeiro vence... não é bem assim! Os empresarios, se lançam mão dele, é porque o nacional não presta ou não agrada. Não falamos aqui, é claro, do teatro musicado. Referimo-nos só ao declamado. Se o teatro estrangeiro está invadindo as scenas de Paris é porque o teatro francês está decadente. Os «Verneuil» e os «Méré» estão cansados e as suas obras perderam já a originalidade. O publico conhece-lhes os *trucs* e as maneiras de escrever. A critica tem sido implacavel com eles. Derru-

rem ordenados razoaveis, não cuidam, como devem, da sua arte.

Conhecemos um que, ganhando a bagatela de três contos por mês, usa, em scena, colarinhos e punhos de bor-racha!

Não ha direito!

Se este se apresenta assim, que colarinhos ha de usar o que ganha um conto e menos? Só de papel!

Haja consideração pelo publico!

ERA fatal!
 Peça que agrada em Lisboa... cai no Porto!

Outro exemplo, e este bem recente. Verdade seja que os interpretes eram outros... e piores!

Mas era dos livros! O que nos admira é que tivessem feito a experiencia! E depois, onde ha publico, no Porto, para três teatros? Custa a encher um, quanto mais três! Está tudo doído!

Pobres artistas que navegam nesse mar alto dos palpites teatrais!

CONTINUA a haver mosquitos por cordas, naquela famigerada companhia. Agora começou a debanda-la dos artistas... Ha de fugir toda a gente, até que se convençam de que é necessario haver cabeça... e que um artista não pode fazer as coisas como qualquer pessoa sem responsabilidade! Em teatro... é tudo muito mais complicado do que parece á primeira vista!

Haja juizo e arrepiem caminho! A todo o tempo é tempo!

O QUE será feito dum individuo que ainda a epoca passada aparecia com o nome nos cartazes, como scenografo e como «arranjador» de scenas? Desapareceu? Onde estará o L. de B.? Acabou aquela frase tão simpatica:

«Interiores cuidados por L. de B.»

Publicando esta noticia, sem ser ilustrada, só temos em mira lamentar-lhe a falta. Não vá julgar que é outra coisa... Afastou-se das lides teatraes, sem motivo conhecido. E' um artista que faz falta... principalmente agora, que todos julgam que o são... Onde estará o L. de B.?

LEMOS ha dias um artigo, num jornal de cinema, intitulado:

«A influencia da tristeza nos filmes comicos.»

Lembro-me de certas transformações que os modernos ensaiadores, ou ensaiadoras, dão ás vezes ás peças, que as tornam farças, sendo altas comedias... ou mesmo dramas!

Ainda, ha pouco, o critico A. de A., referindo-se á peça «Um homem», dizia:

«O publico aplaudiu calorosamente, se bem que não devamos passar sem reparo a lamentavel tendencia de alguns espectadores, mais numerosos do que seria de desejar, para se rirem a proposito e a despropósito de tudo, até nas situações mais dramaticas.»

Está tudo ao contrario!
 Talvez o Novo Ano traga uma onda de bom senso que endireite de vez determinados cerebros que andam fóra do seu lugar!

Tenham confiança em 1929!

O Homem das 5 horas

ba-lhes uma peça com maior facilidade do que entre nós...

Lá como cá... é caso para se dizer isto! O pior... é que nós temos de recorrer ainda ao que eles consideram mau!

Se o nosso teatro fôsse o que é o actual deles... podiamos considerarnos felizes...

HA actores que, apesar de auferi-



—Então a senhora gosta tanto de cinema e vai hoje ao teatro?

—Vou, porque aqui vai «Um Homem!...»

HOME-SUNRIPE

Riso amarelo

Foi melhor assim! Se me saísse a sorte grande, acabava-se a minha sorte de servir cafés emolientes com actividade radio-activa!

Manoel Maria (João Franco).

Deixá-lo! Já não ha goso na vida que me alegre o coração!

Julio Pires.

O pior foi para vocês. Era para lhes emprestar... a juros.

Joshua Benoitel.

Que ricas corridas que eu não vou ver a Espanha!

Felix Correia.

Raios parta a sorte! Canalhas! Malandros!

Alfredo Araujo.

«Ser perra!» «Que desgosta!» Agora vou dar tiros com a navalha-metralhadora!

Charley.

Até arranquei os cabelinhos da cabeça! E cá continuo a fazer «gracças» para o Sempre Fixe

Mascara dos Dentes d'Ouro

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!



— Bem, tenho o consentimento de seu pai e de sua mãe. Se eu tivesse coragem, fazia-lhe uma declaração.



— V. Ex.^a dá-me licença?
— Que quer o senhor!
— E' que eu sou fotografo de elegancias.

FUMESUNRIPE

UM JANTAR DO ANO BOM

Ester Maria tinha, como todas as mulheres, a sua historia. Tinha um passado, melhor, muitos passados, como quasi todas.

Menina e moça, andava um dia nos arredores de Nazaré, quando o desejo forte de conhecer a capital, a levou a tomar uma carruagem de 3.^a da C. P., em busca de melhores dias.

Palminho de cara gentil, corpo airoso, desembarcou em casa dum sargento reformado da guarda fiscal, de onde, volvidos tempos, saía, formada já pela universidade de Ox for escova, após a defesa, com certô lustro feita, duma tese sobre o mau hálito das casas de desmastigação.

O certo é que Ester Maria, cedendo um dia á côrte do menino da casa — um matulão de monoculo — alugou-lhe no peito um quarto amoroso, que o pequeno atiradiço resolveu substituir por um quarto independente na rua do Poeta Bernardim.

Os tempos correram e Ester Maria, pondo escritos na «loja», preencheu a vaga pelas ternuras dum menor de 62 anos, que a começou passeando pelas ruas da cidade, seguro da sua irresponsabilidade.

Depois... Depois, Ester Maria botou casa na Alta e «taxi» nas baixas...

Cresceram os bens de Ester e, com eles, os anos da senhora que, roçando já pela casa dos 40, se tinha ainda na conta duma fema conquistavel, malgré as pernas e os seios flácidos.

Para a festa do Ano Bom, Ester reconhecida, convidara, além do seu primeiro patrão, o matulão monoculizado, uma antiga colega da universidade de Ox for escova, duas senhoras das suas relações, os respectivos machos e dois gaiatos endiabrados

que a lei teimava, com unhas e dentes, em considerar da sua exclusiva autoria.

Ester Maria, fazendo as honras da casa, teve o cuidado de cotocar o seu primeiro patrão no lugar de honra e entremear com certa elegancia e gosto os machos e femas convidadas.

O jantar, como era natural, decorreu naturalmente com certa alegria, e o Burfacas fez as honras da noite, sem comtudo taldar as cabeças.

A' altura do perú, o matulão de monoculo, para se mostrar senhor da politica internacional, falou do Perú, da Bolivia, do Paraguay, com prazer manifesto de D. Ester e um pouco de arrelia do seu primeiro patrão.

E o jantar corria alegremente para as barrigas dos convivas...

A' altura dos brindes, em que todos se esforçavam por engrandecer o caracter e a elegancia da dona da casa, foi o caso notado do patrão de Ester, fugindo á alegria dos outros convivas, chorar como uma Madalena arrependida.

Todos, á uma, procuraram saber do motivo de tal tristeza, mas o sr. Silva — assim se chamava ele — a nada se movia o bruto, como se a dôr mais funda o torturasse.

— Então, sr. Silva, diga o que tem, — pedia Ester.

— Vá! Diga-me porque está assim, — murmurava outro.

— Oh! sr. Silva. Assim não vale! Chorar num dia destes! Diga o que tem. Está doente?

— Não, senhor.

— Mas então porque está triste?

— Pronto. Vou dizer. Choro porque me faz pena ver o sr. José Parreira lutar impotentemente naquela assembleia, que ha de ficar memoravel, do Banco Lisboa & Açores!...

Um "lá" azarento

Julião Calás, apesar dos seus bem conservados 50 e picos, era um atirador de truz; pequena que lhe enchesse as medidas, apesar de, pela idade, ser já de medida curta, atraiva-se de cabeça que nem um nadador.

Ora Julião Calás era um musico veterano, já bastante tocado e retocado nas orquestras dos teatros da capital.

No teatro X, onde era violino, todas as noites os colegas enchiam o «papinho» de riso com uma paixãoeta que Julião trazia por uma corista da companhia. Certo dia que o nosso Julião a procurou em casa para lhe declarar a sua violenta paixão num «solo» lá com ela, a pequena não estava lá...

A' noite, no teatro, foi pressuroso procurá-la no camarim. Não estava lá, mas estava lá em cima, entre bastidores, em colloquio amoroso com um papo seco.

Desolado, nervoso, Julião veio tomar logar na orquestra. Tocou, tocou... nem ele sabe o quê! Tocou o que lá estava. Porém, na altura da sua beldade entrar em scena, dançando um «charleston», divinamente despida, Julião sentiu-se arripiar ao mesmo tempo que o seu «lá» descia, descia... até estoirar como uma arcada violenta, nervosa, fatal.

No final do espectáculo, Julião encheu-se de coragem e chegou á fala com a corista.

— Não imaginas, meu amorzinho, — dizia Julião, inspirado — quando tu hoje antraste em scena, o meu entusiasmo foi tal, tão violento e tão apaixonado, que o meu lá baixou, baixou, até que rebentei com ele!

«Tive que o substituir, é claro... E sabes tu porquê? Porque deu de si e por fim estoirou! E' porque eu não estava lá, nem estava em mim. Estava aí, nesse coraçãozinho de oiro, nesse ninho de amor...»

— Sim? — atalhou a corista, quasi a explodir de riso — pois estou gostando imenso de o ouvir...

— Certo?! E se eu lhe dissesse tudo isto e mais alguma coisa, mas lá em casa, muito juntinhos ambos, sózinhos...

— Olhe, meu amigo, o melhor é não pensar em tal...

— Não? E porquê?!...

— Porque fiz o mesmo que o senhor fez ao seu «lá» — substituí-o, tenho outro lá...

Pig-Meu

AZAS... DE PAPEL



Guilherme Pereira de Carvalho, o grande conquistador... dos ares; Barros Salgado, engenheiro cheio de engenho, e Pinheiro Correia, aviador de profissão e devoção, arranjaram uma engenhoca «do Ar...co da velha que, senão os atirar pelos ares, es levará á Gloria... em vôo planado.



— Estás hoje tão emoliente... E' do tango, ou do café?



— A criada anterior tive que despedi-la porque saía com os meus vestidos. A menina não fará isso, não é verdade?

— Não posso dizer nada sem ver o seu guarda-fato.

TORRADINHAS COM MANTEIGA...

Nos anos filosoficos do «João Franco»

Fado filosofico

MOTE

O Fado do João Franco,
doutor em filosofia,
é um fado emoliente
como os que ha na Mouraria.

GLOSAS

I

O tempo que em tudo é mestre
pô-lo, da vida, no teatro,
no ano de oitenta e quatro,
em dia de São Silvestre.
Em todo o orbe terrestre
passou, então, um arranco;
o céu, que era azul e branco,
côr de café se tornou
e assim foi que começou
o Fado do João Franco.

II

Para torná-lo cristão
na agua benta da fé,
mudaram-a em capilé
com uma casca de limão;
giratorias com a mão,
fez-lhe o padre junto á pia,
chamou-lhe Manoel Maria
e alguém ouviu-lhe dizer:
este pimpólho ha de ser
doutor em filosofia.

III

Cresceu, passou a fronteira
e veio p'ra Portugal;
começou pelo «Royal»
e acabou na «Brasileira»
Cara lhana e prazenteira
oferece a toda a gente,
sempre familiarmente
acolhe e serve quem vem,
e a cantiga que ele tem
é um fado emoliente.

IV

Dentro do café captivo,
sem ter azas já voou
e a Madrid se transportou
bastante radio-activo.
Partiu morto e chegou vivo
sem que perdesse a alegria,
ginga, de noite e de dia,
é já meio jornalista
e, também arma em fadista,
como os ha na Mouraria.

Torradinhas com manteiga
Por cima vai um galdo,
Água boa: a do Castelo,
Amigo fixe: o João.

Um de 1880

as liras tangem radio-activas



(Caricatura de Amarelhe)

Fado emoliente

MOTE

Não posso tomar café
por causa do coração.
Quando vou á Brasileira
é p'ra falar ao João.

GLOSAS

I

O' telas dos futuristas
que não de ficar imortais!
O' mesas hexagonais
onde desenham artistas!
O' doutores! O' jornalistas!
O' homens de «comité»!
O' fumaceira! O' banzé!
Tenho os nervos arrazados
e por mal dos meus pecados
não posso tomar café.

II

Tambem não bebo um refresco,
nem tolero o vinho branco,
Mas adoro o «João Franco»
no seu falar pitoresco.
Quando ele vem, quixotesco,
com a bandeja na mão,
tem tamanha sugestão
que prova a cada freguês
— em 'spanhol — que é português
por causa do coração!

III

Esse tipo original,
que a sorrir fez uma escola,
distribue graça espanhola
aos «sornas» de Portugal!
E é tão sã, tão natural,
toda a sua cavaqueira,
que eu não tomo «bagaceira»,
mas nessa filosofia
me embebedo de al-gria
quando vou á «Brasileira».

IV

De forma que, com franquês,
já que do Franco vos falo,
para mim é um regalo
ver aquela ligeiresa
com que ele nos serve á mesa,
sempre a falar em calão,
e muitos dos que lá vão
é para encontrar a gente,
mas muito principalmente
é p'ra falar ao João.

Torradinhas com manteiga,
Alouradas ao calor.
Vê se me avias depressa
já que és aviador.

Fachina das luzes

Fado do «Junkers»

MOTE

Nos tempos que já lá vão
vai-se á espera do gado.
Hoje tudo está mudado:
vai-se á espera do avião.

GLOSAS

I

Fadistas da nossa terra,
mudai da cantiga o estilo,
deixai a Venus de Milo,
a navegação e a guerra,
porque hoje o que está na berra
é outra coisa mais alta
que o meu peito sobressalta
numa grande comoção
e de que sentiam falta
nos tempos que já lá vão.

II

Abandonavam salões
os fidalgos doutras eras
e iam com as Severas
e com quaisquer rufiões
escutar tristes canções
na voz dolente do fado,
em soluço maguado,
por fuscas e por vielas,
e com eles e com elas,
vai-se á espera do gado.

III

Hoje as rovas caravelas
trocaram as suas rotas,
já voadas como as gaivotas
e têm de metal as velas.
O João Franco, numa delas,
foi num salto, pelo ar,
para a Granja del Henar,
que inda é longe um bom bocado.
E isto me leva a afirmar:
— Hoje tudo está mudado.

IV

Quasi se empaniou a gloria
dos grandes navegadores
e desses conquistadores
que, com o sol da vitoria,
iluminaram a historia
do nosso tempo passado.
Mudai a letra do fado,
pois ha tal transformação
que, em vez de se esperar o gado,
vai-se á espera do avião.

Torradinhas com manteiga,
por cima café limão,
no Café da «Brasileira»
ou a mil metros do chão.

Boneco de celuloide

As maravilhas da T. F. S.

ou uma "soirée" radiofonica em casa da familia Barboza

Como o aparelho estivesse concluído, realizadas as primeiras experiências com êxito, Xavier Barbosa resolveu convidar, além de todas as pessoas de família, os vizinhos mais chegados, para assistirem á inauguração do aparelho radiofonico.

Os detalhes da festa foram todos prévios e cuidadosamente preparados por Xavier Barbosa e sua digna esposa.

— Faz-se um cháinho mais avultado — dizia ela. — E tu trazes da Baixa uma dúzia de bolas... Sabes que bolas são? A Maria faz umas torradinhas, e pronto. Quem quiser mais, que vá a sua casa.

— Dizes bem, filha — respondeu-lhe o l'arboza. Mas olha que talvez não ficasse mal comprar uma garrafinha de vinho do Porto. Que dizes?

Medidos e pesados os prós e os contras, Madame Barboza concordou com o marido.

— Contanto que o vinho não custasse mais de 7\$50...

No dia combinado, a primeira coisa que Barbosa perguntou á esposa, ao chegar a casa, foi se deveria vestir o fraque. Madame entendia que não era caso para tanto.

— Mas é que eu convidei o meu chefe de escritório, com quem feço cerimonia...

Em face deste argumento, Madame condescendeu em ir buscar o fraque á mala, escová-lo e passá-lo. E a grande noite chegou...

* * *

Logo que apareceu o operador — um colega de escritório, simpático, gordo, envergando um «macaco» apropriado — a função principiou.

— *Brrrom... bom... boum...*

— Vamos principiarmos por Londres. V. Ex.ª vão deliciar-se com o toque de recolher em Londres — explicava Xavier Barbosa.

— *Brrrom... poum... poum...*

A respeito do toque de recolher, nada. Apenas um tiroteio semelhante ao que a orquestra dum cinema faria para acompanhar as scenas belicas da «Grande Parada».

— Talvez seja dos fios da antena — arriscava Barbosa, timidamente, em face do primeiro insucesso da «soirée».

— Fios?! Mas então este gramofone é com fios ou sem fios?! — perguntava a vizinha do rez-do-chão, muito interessada.

Gaspar — o colega operador — explicava então muito scientificamente que a antena tinha fios para apanhar os sons que andavam no ar sem fios.

— Talvez o aparelho não esteja bem sintetizado — arriscou Xavier Barbosa, timidamente.

— Qual «sintetizado», nem meio «sintetizado», meu burro: é «sintonizado» que se diz — replicou-lhe Xavier.

— Sintonizado, pois é. Isso mesmo é que eu queria dizer... — redarguiu Xavier Barbosa, mastigando as palavras.

— Vamos procurar outros postos, minhas senhoras e meus senhores — acrescentou o amigo Gaspar.

Procuraram-se outros postos, mas debalde. Paris, Madrid, Barcelona, Nova York... Mas a resposta era sempre a mesma:

— *Brrrom, pom, brrrom, brrrom, pom, pom.*

As senhoras começaram a enervar-



MEIA NOITE... E PICOS



— Patife! Vir fazer a meia noite com minha mulher, quando me tinha convidado para fazer o «reveillon» com ele no Avenida Palace!...

se. Terem-se deslocado, terem feito toilette, para ouvir um ruído de trovoadas, não valia a pena.

— E' que a noite está humida, ha nevoeiro — explicava Xavier — e quando o tempo está assim, ha muitas interferencias atmosfericas.

Mas Xavier ia procurando sempre encontrar um posto que respondesse á ansiedade da assistencia.

— Vamos ouvir Lisboa, que está mais perto — disse Xavier.

— Vamos ouvir Lisboa — disseram todas as senhoras ao mesmo tempo, entusiasmadas.

Como por milagre, Lisboa começou a fazer-se ouvir. A principio não se distinguia mais do que o mesmo ruído de trovoadas de Maio. A pouco e pouco, porém, graças á pericia do amigo Xavier, começou a distinguir-se o som duma voz de homem — depois de ter bebido algumas garrafas de «termo».

— *Brrrom... o concerto... brrrom... esta noite... poum... poum... é dedicado... brrrom... aos excellentissimos poum... poum... brrrom... amadores da provincia. Atenção. Vamos ouvir prrrom... poum... brrrom... o fado das mãos criminosas... brrrom... poum... A-ten-ção!*

Para delicia da assistencia, sobretudo das senhoras, uma voz roufenha começou, com efeito, a cantar a aria das «Mãos criminosas».

— Optimo! — dizia Barbosa.

— Esplendido! — acrescentava Madame.

— Isto é uma maravilha! — dizia uma das senhoras.

— Eu *aprecio* muito o fado — dizia «Mademoiselle» Fifi.

No melhor da festa, porém, quando a assistencia começava a entusiasmar-se com a «soirée», Gaspar, o operador, com a sua curiosidade scientifica e mecanica nunca desmentida, entendeu dever procurar um novo posto. Queria, por força, ouvir a meia noite nas torres de Londres, já que tinham perdido o toque de recolher. E cortou Lisboa para procurar coisa melhor...

Em vão! Durante três quartos de hora, consecutivamente, não se ouviu senão o mesmo barulho ensurdecedor de trovoadas de Maio.

— *Brrrom... poum... poum...*

Madame Barboza, perdidas todas as esperanças de ouvir musica naquela noite, mandou servir o chá ás visitas.

— Que arrelia! — lamentava Mademoiselle Fifi. Um fado tão bonito como o das «Mãos criminosas»!

— Que pena! — lamentava por seu turno a mamã da Fifi — Um gramofone tão bonito!

E cada um dos assistentes, no seu intimo, lamentava o tempo perdido, maldizendo a ideia que o operador tivera de querer ouvir Londres, quando se estava tão bem ouvindo em Lisboa. O que não impediu que todas as visitas, á saída, se desfilassem em agradecimentos pela «bela noite» que Xavier Barbosa e sua esposa lhes haviam proporcionado...

O ano de 1929

Segundo as profecias duma rival de Madame de Thebes

Madame Encarnação, que pelos seus talentos e virtudes é a verdadeira encarnação luziada de Madame de Thebes, comunicou a um redactor do *Sempre Fixe* o horoscopo do ano de 1929.

Segundo a distinta pitonisa, o ano que entra, estando sob a influencia de Mercurio, será fértil em negociações, fraudes e roubos escandalosos. A sua conjunção com Venus será funesta para grande numero de maridos.

A cifra de maridos atraídos excederá tudo o que as velhas bruxas contam...

No ano de 1929, registrar-se hão notáveis conversões de bebedores célebres, que abraçarão o regimen das aguas gazosas com uma fé ardente.

Nos destinos da actividade da vida portuguesa presidirá o signo que é representado pelo caranguejo.

No mês de Outubro dar-se ha uma inundação de livros de versos de senhoras consagradas e por consagrar.

Um celebre tenor lisboeta deixará o cinema e a fabrica de licores e voltará a cantar os *Palhaços* com uma voz que se ouvirá do Ocidente ao Oriente, ao alto e ao baixo.

Descobrir-se ha um maravilhoso modelo de aeroplano sem azas, mas que voa como os melhores.

Na literatura surgirá um reformador, que revelará ao mundo a arte de escrever boa prosa sem gramatica.

Ao fechar do ano, Lisboa contará com mais 100 cafés, 200 animatografos, e num lugar central da cidade será demolido um predio para ser substituido por um belo monumento que será uma modelar casa de emprestimos.

Em Paris será fundada uma grande associação de protecção aos macacos, como defeso contra o metodo do dr. Voronoff, exigindo-se direitos de reprodução.

Voltará a reacender-se a celebre questão dos painéis de S. Vicente.

Um notavel publicista, que tem ligada ao seu nome a idela de uma especiaría, fundará em Lisboa a Ordem de Nossa Senhora do Vale.



— Este café não presta. Vá fazer outro... «Radio-active-me essas pernas».

FUME SUNRIPE

Um Ano Novo

“SEMPRE FIXE,”

Neste fim do ano, neste começo do ano novo, fieis á tradição, o que nós desejamos aos nossos amigos em geral, aos nossos leitores, colaboradores, assinantes e vendedores, não esquecendo a senhora do lapis azul, que tanto nos cortou á roda do ano que o ano acabou-se, é um Ano «Sempre Fixe». Um ano de boa disposição Um ano em que o espirito de bom humor esteja á cabeça da nau domestica, um ano catita, um ano pachola, um ano — de esperanças.

* * *

Boas festas — é uma expressão que só ha no nosso país, com as inevitaveis e bem humoradas variantes: *boas saídas e melhores entradas*.

As nossas *saídas* nem sempre são de fazer pôr as mãos na barriga, mas a intenção é tudo. Ter boa intenção vale alguma coisa. E quanto a *entradas* — safram todas brancas.

Mas antes brancas que negras.

Boas festas a todos, aos paladinos da chalaça, da graça, da facecia, do espirito. Aos que entendem que vale mais uma alegria na mão que mil tristezas a voar. Aos que, como nós,

estão convencidos que o ano vai ser um amor de ano, com a vida barata, os ordenados mais crescidos, a familia mais crescida tambem porque uma boca a mais não adianta nem atraza. Um ano redentor, emfim, com tudo isto «no são», e o «são» são as nossas aspirações, a recompensa do nosso trabalhinho, saude no tegurio, vida fresca para refrescar as nossas e a certeza de que para o outro ano, quando a gente voltar distraitamente as costas a este, ainda sera melhor.

Festas em casa, festas no serviço, festas na mercearia, festas na escola dos petizes, festas nos amigos, festas na rua, um ano de festa rija, queremos dizer, resumindo: um ano de 1929 que nos permita viver com saude até 1930 «sempre fixes», por cinco tostões apenas de ralações.

Porque isto de «ralações» é uma pimenta especial, um condimentoso necessario, para o prato fino deste glorioso, desta cara direita, deste incomparavel ano de 1929, que «pliscando o olho» saudamos comovidamente.

O VICIO



— Mais um ano!... Vocês hão de concordar que é uma grande maçada...

Os pobre...tesinhos

Pobres de pobres, andam «tesinhos», e a gente topa-os pelos caminhos...

Passam em bandos, á chuva, ao frio, Eonham pintar o tecto ao Rossio...

E' em Novembro, rugem os «cravos»; Almas perdidas, almas escravas!

Vêm pelas ruas, pelas calçadas, Algumas delas bem descalçadas...

Andam tão tristes, vivem tão mal que diz o mundo: — «está num jornal!»

Filhos de Cristo, netos de Adão — Repara aquela: lindo «colchão»!

Ha-os pinocas, de calça farta, Que pena fazem, «má rai's os parta!»

Mostram os dentes pela cidade Para que a gente veja a idade...

Uns de voz rouca mas nada sujos Quem sabe lá se são os marujos!...

Outros humildes, riso maguado Estão a pedir um pano encharcado...

Camisa rosa, cara rapada, Lembram a Eva bem disfarçada...

Andam doidinhos p'la «salvação», Como os garotos pela Emulsão...

E nos teatros, ai que loucura! Todos pintados, mas que doçura...

Vêm sorrindo e rindo se vão. Ai! os «pequenos»! Tão lindos são!

Pobres de pobres, andam tesinhos, E a gente topa-os pelos caminhos...

E pondo um «caco» que os olhos tenta, Fazem lembrar o Alfredo Pimenta...

Tomem cuidado, nada de intriga, Que ele não é o *Mota Mastiga!*

Tem tanto caco, tem tanto suco! Senhor meu Deus! Pinheiro Maluco!

Outros, promessa feita á Gertrudes, Tratam os *homes* com modos rudes...

Trazem um lapis com alegrias Fara ofertar ao *sór* Prata Dias...

Sabem cantigas, todas doçura, Ninguem lhes chega, nem os censura...

Ha-os tambem, os pobres coitados, Sempre tesinhos, sempre encravados...

Metem um vale quasi a tremer Por um artigo que hão de escrever.

Diz o Bordalo: — «Toma cuidado! Não pode ser! Estás encravado!»

Pede ao *sór* Pinto; bem pode ser Que ele te queira e possa atender.

Choram ao Pinto e o Pinto bemquisto Pinta no vale um bem lindo «vistos»...

E os pobresinhos, transfigurados, Ai nesse dia ficam jantados...



— Ouve lá, podes emprestar-me umas libras?
— Sim. Quando voltar da Yugo-Eslavia.
— Não sabia que ias á Yugo-Eslavia.
— Nem eu.

Elevador da Gloria

Um viajante chega cansadissimo a uma aldeia do Alemtejo. A muito custo, consegue que um dos habitantes, que aceita hospedes, lhe ceda um quarto por bom preço.

Apesar de extenuado, o pobre viajante só conseguiu dormir de madrugada — a cama era horrivel. Quando estava no melhor do sono, o hospedeiro bateu á porta do quarto.

— Levante-se, homem. Já são horas!

— O quê, tão cedo? Vá para o inferno! Deixe-me dormir.

E o outro:

— Tenha paciencia! Minha mulher precisa da toalha de mesa que está servindo de lençol!

Um agente de seguros, quando dá para segurar um camarada, não pára de falar.

Leiam este dialogo:

— Meu querido amigo: por uma quantia insignificante, você assegura a sua vida contra todos os riscos.

— Não digo o contrario... mas...

— Suponha que quebra uma perna: são três contos de réis. Depois quebra um braço: são mais dois. E se tiver a sorte de quebrar os dois braços e as duas pernas: está rico.

Numa festa dos arrabaldes de Lisboa morreu de repente o Zé Ferreira. O promotor da festa chamou o Manoel Silva, recomendando-lhe que fôsse dar á esposa do falecido a triste noticia, mas com todas as cautelas.

Manoel Silva assim fez. Dirigiu-se a casa do morto, sendo recebido pela mulher.

— Boa tarde, minha senhora.

Boa tarde!

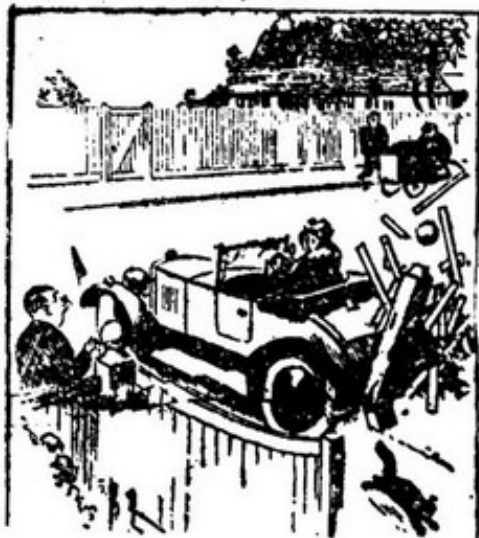
— A senhora é que é a viuva do Zé Ferreira?

— Viuva, não senhor.

— Aposto cincoenta mil réis como a senhora está viuva...

O navio torpedeado, cheio de passageiros, afunda-se lentamente. Sobre o tombadilho, Salomão chora com desespero, quando outro judeu se aproxima, dizendo-lhe:

— Porque choras, Salomão? O navio não é teu...



O marido — Maravilhoso! Como tu progrides na aprendizagem!

A mulher — Idiota. Não vês que arrombei a palissada.

O marido — Pois sim, mas lembra-te que ainda ontem entraste pela casa de jantar e partiste a loiça toda.

FUMPE SUNRIPE

HISTORIAS AMERICANAS

O MEU AMIGO JOHN

Na ultima noite do ano de 1923, entrando no «Canadian-bar» de Buffalo, notei que o meu velho amigo John Green vestia de negro, de luto pesado, como qualquer empregado duma agencia funeraria, o que o levava a beber o seu «whisky» com uma certa tristeza.

Admirado e depois dum cordeal «shake-hand», perguntei-lhe:

— A que proposito vem esse fato de luto, meu caro? Posso acreditar que te morreu algum tio da Europa?

— Não brinques com coisas sérias — retorquiu John. O luto está mais no meu coração que propriamente no vestuario, porque eu... perdi a minha querida amiguinha Edith...

— Palavra?! Era tão bonita! E morreu?

— Sim, morreu para mim! Roubou-me a um tipo qualquer. Ah! que não encontro lenitivo para a minha dor!

— Não digas asneiras. Uma mulher que se perde, dez que se acham. E graças a Deus não faltam mulheres lindas por esse mundo fóra...

— Não, meu querido amigo. Não ha senão uma Edith no mundo. Era uma perola. Olha que falava cinco linguas.

— Ah! Ela era polyglota?

— Não! Esteve na Opera de Paris!

— O quê?! Edith era uma estrela teatral?

— Quasi... quasi... Foi «costureira» apenas, o que não impedia que tivesse uma esplendida voz. Todos os dias me cantava coisas tão lindas que nem calculas. Deus não consegue pôr no meu caminho uma artista como ela era, ainda que eu viva tanto como um corvo.

— Eu não sei se viverás tanto tempo... Mas não chores. Não vale a pe-

na. Conta-me lá a tua historia...

— Deixa-me saborear mais uma lagrima deste «whisky» delicioso que me ajuda a suportar este desgosto e depois te contarei a minha desgraça.

John ingeriu mais dum quarto da garrafa e depois, encostando a cabeça ás mãos, começou:

— Isto passou-se ha três dias. Eu fui com Edith ao cercle e, enquanto ella lia as illustrações, eu fui jogando o poker. Acabava justamente de apañhar um «jack pot» de cincoenta dollars e meio com um «royal flush», quando um creado me veio dizer:

«— Está lá fóra um sujeito que deseja conhecê-lo...»

«— All right. Mande-o entrar.»

«Nisto, vi aparecer um «gentleman». Perguntei-lhe o que queria. Ele respondeu primeiro com um sorriso, fitando longamente miss Edith, e disse depois:

«— Não queria nada, sr. Green. Queria apenas conhecê-lo.»

«— Bem. Muito obrigado. Toma alguma coisa? Brandy? Whisky?»

«Primeiro, tomou Brandy, depois Whisky. E eu... continuel a jogar. Num dado momento, tive necessidade de ir a um lado onde não podia mandar ninguém. Quando voltei, dez minutos depois, nem o tal sujeito lá estava nem miss Edith. Fiquei surpreso. Pouco depois, entregavam-me um bilhete que o «gentleman» deixara para mim. Dizia assim: «Deus seja louvado, «master» Green! Alcancei o que queria: Fiquei conhecendo-o.»

«O conhecimento, compreendi então, era miss Edith!»

Apertei as mãos do meu velho amigo e murmurei:

— Pobre John! Coitadinho! Tão novo e... Coitadinho!

O «Fixe», no Porto



Amarelbe

Dr. Paulo Falcão

Um grande amigo da Republica e um senhor do seu grande nariz

BOM HUMOR

No atelier dum pintor modernista:

— Decididamente, fico com o quadro. Pagá-lo-hei dentro de 5 anos.

— Como?!

— E' que ,eu... tambem sou futurista.

O pai: — Não me oponho ao teu casamento. Mas deves compreender que casares-te com um maestro não é nenhum futuro.

A menina: — Mas, papá, é um maestro de charleston...

— Pode crêr, senhor, que quando minha mãe era nova era muito bonita.

— Não o duvido! Mas a menina deve parecer-se com o seu pai.

A admissão duma empregada:
O director do Banco: — E' preciso que alguém a garanta.

Alice: — Por isso trouxe-lhe esta minha amiga.

O director: — ...Mas não a conheço.

Alice: — Pois tenho o gosto de fazer as apresentações...

Fazendo a barba:

Ele: — Esta navalha não presta. E' um horror!

Ela: — Não digas isso. Acabo de abrir uma lata de sardinhas com ela. Não vais dizer que a tua barba é mais dura.

O editor, que ia morrendo no mar:
— O senhor salvou a minha filha á custa da sua. Como o posso recomendar?

O salvador: — Publicando os meus versos.

O editor: — Prefiro voltar para dentro da agua.

O autor: — Já fiz metade do sexto acto. A protagonista, em vez de se envenenar, suicida-se com um tiro.

O empresario: — Porquê?

O autor: — Para despertar o publico, nessa altura...

A mãe: — A escola foi hoje inspecionada pelo director do ensino. O que lhe disseste?

O pequenito: — Nada.

A mãe: — Nada! O orgulho é que te ha de perder...

A bordo:

O offical: — A senhora viaja por prazer?

Ela: — Não... Vou para onde está meu marido.

O medico: — Esta perna está muito dura. Tenho que a cortar.

O doente: — O sr. doutor enganase. Deve ser a outra. A que está tocando é de madeira...



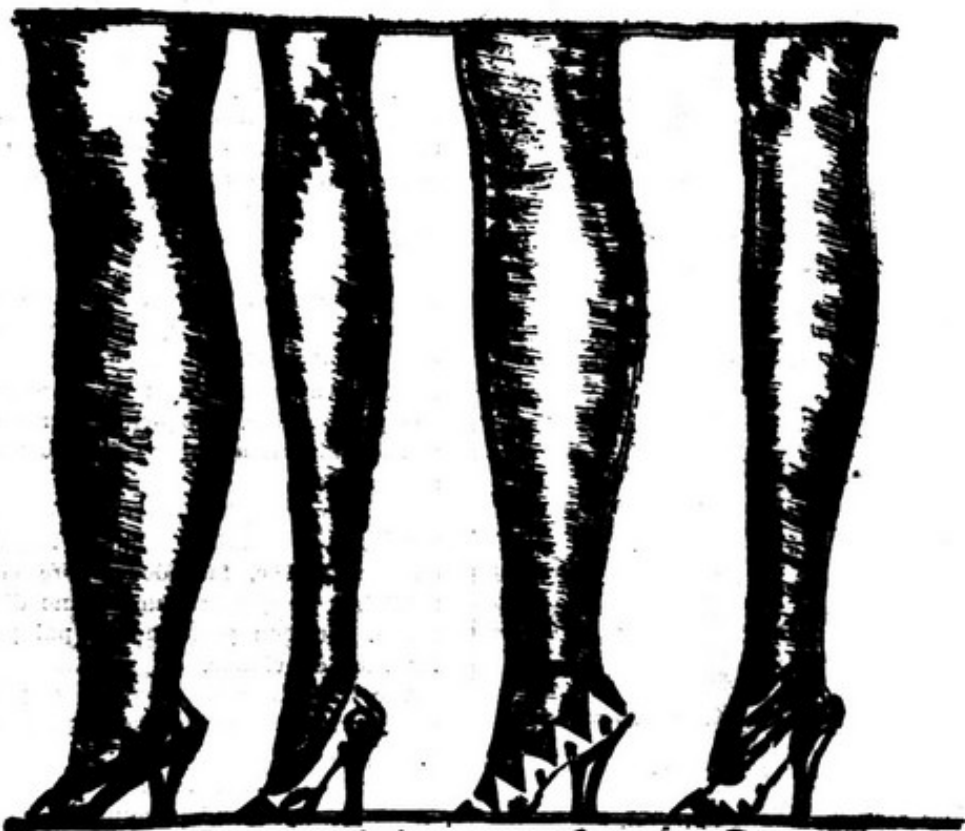
— Como é que o senhor sendo calvo recomenda este especifico contra a calvice.

— Porque eu significo: «antes do tratamento».

PERNAS

COLUNAS...

POR UM BURACO...



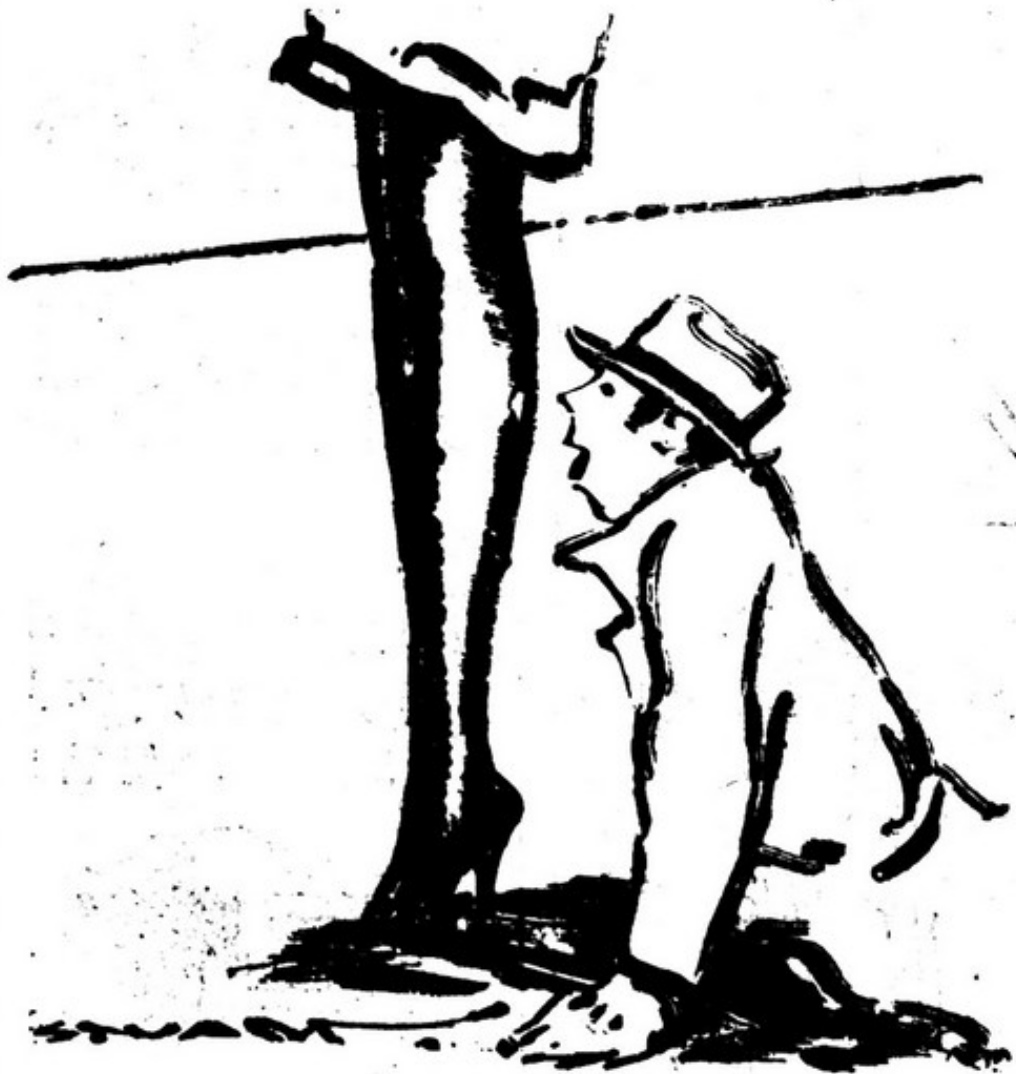
TOSCANA JONICA ASSYRIA EGIPTIA



O ponto:— Estas raparigas de hoje teem um talento... nas pernas...

POR UM BURACO...

REVEILLÓN



Atrevido! a espreitar por um buraco que tenho na mala!



Ano novo, amores velhos... e com dinheiro...



Os dois rivaes

No dia de Ano Bom realizava-se em casa de madame Hilario, um jantar, para o qual tinham sido convidados, entre muitas outras pessoas, o Nunes e o Fernandes — dois rivais nas pretensões á mão da dona da casa — sempre prontos a discutir.

Nos ultimos tempos, a victoria pendia para o Nunes, tanto que ele tinha sido convidado para trincar o peru recheado, confeccionado segundo uma celebre e velha receita de madame Hilario.

Quando o Nunes ia começar a trincar o peru, travou-se grossa questão entre ambos porque o Fernandes estava furioso pela preferencia que a dona da casa dava ao outro e, apesar de todos os convivas pediram treguas, nada conseguiram e ainda por cima ouviram o Nunes dizer para o Fernandes, entre outros insultos:

— Você é um parvo!

— Você não torna a repetir isso! — disse categoricamente o Fernandes.

— Isso é que eu repito!

— Não torna a repetir, já lh'o disse, porque então passa pelo desgosto de eu lhe fazer o mesmo que você fizer ao peru — dizia, num tom de desafio, o Fernandes.

— Está dito. Você far-me-ha tudo o que eu fizer ao peru! — concluiu, já calmo, o Nunes, ao mesmo tempo que introduzia o dedo no orificio que, num peru recheado, é costume estar tapado com um bocado de pão torrado e lambia gulosamente o dedo, saboreando o pedaço de recheio que extraía.

— Agora, — dizia o Nunes — faça você o mesmo, se é capaz.

As capas

do "Sempre Fixe"

Encontram-se á venda, na nossa administração, as capas do "Sempre Fixe" primorosamente ilustradas por Francisco Valença.

Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 40\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros ainos.

Para a provincia acresce o porte do correio.



O patrão, lendo: — «O carroceiro felicita V. Ex.ª pelo Natal de 1927». Oh rapariga, mas estas boas-festas são do ano passado.

A criada: — São. Mas diz ele que a conta também é.

NO TEATRO



— V. Ex.ª não sabe que é prohibido fumar aqui?

— Sei, mas com os cigarros Sunripé póde-se fumar em toda a parte.

Aspectos do Ano Novo



O transito interrompe-se. As lojas abarrotam de gente. A policia toma medidas extraordinarias para regularisar a entrada nos estabelecimentos, porque todos compram Toddy. Todos tomam Toddy.

E até o policia de "casse-tete", no ar diz que melhor que Toddy só Toddy.

Uma "encravação"

Arnaldo Maria da Silva, feito o seu curso de liceu, veio para Lisboa, de onde amiude escrevia ao pai, dando-lhe parte dos seus sucessos como aluno da Escola Medica.

O certo é que a «paternidade» ia gastando o melhor das suas economias para que ao filho, que em breve seria um «senhor doutor», nada faltasse.

Todos os meses enviava-lhe o pobre homem grossa maquia, que o «aluno de medicina» ia estafando em ceias caras e funçanatas proprias da sua idade. E o pobre pai, lá na aldeia, confiado nos «sucessos» do estudante, ia, com o melhor dos sorrisos, suportando aqueles formidaveis ataques á «burra», que longos anos de sacrificio lhe custara.

O certo é que o rapaz, ou porque arranjasse uma amante lá para o Conde Redondo, ou porque sentisse que era demasiado o sacrificio que impunha ao pai, deixou de escrever.

O pobre velho, apouquentado, resolveu um dia vir a Lisboa, saber o que se passava.

Chegado á capital, o rapaz, espectralhã, deu-lhe mil e uma desculpas da sua falta e, falando sempre em medicina, de que era um «aluno distinto», começou passeando o pai pelas ruas da cidade.

A certa altura do passeio, o pai, apontando para um edificio, pergunta ao filho:

— Que edificio é este?

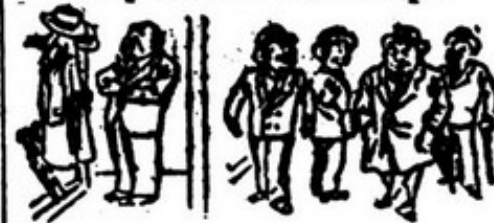
— Olhe, — respondeu aquele — para lhe dizer com franqueza, não sei. Os meus estudos de medicina não me dão tempo para passear... Mas vou vou perguntar áquele policia.

Pai e filho aproximam-se dum guarda e fazem a pergunta:

Resposta do policia:

— Aqui é a Escola Medica! Tableau!

A perfidia do tempo



— Se ponho sobretudo, faz calor; chapéu de palha, frio; chapéu de feltro, um calor dos diabos.



— A que horas passa o comboio das 11,40?

— A's 20 para a meia noite!
— Diabolo! Que transtorno me faz esta mudança de horarios!



O que se diz e o que se não deve dizer

O que o Menino Jesus pôz nos sapatos d'alguns desportistas

Sine "apito", non habet geringonça

Em vespera de Natal, a gente desportiva pôz também calçado seu na chaminé. Os do *foot-ball* puzeram as botas; os dos atletismo, os sapatos de pontas; e assim sucessivamente. Os nadadores, naturalmente, não puzeram coisa alguma.

O menino-Deus fez larga distribuição de benesses.

E do que a alguns coube, eis uma relação sucinta:

Ao Luis Placido de Sousa — uma presidência vitalícia da A. F. L.

Ao Sporting — um *team* de primeira categoria.

Ao Eduardo Rosa — uns *Citroëns* que andam.

Ao Desportivo de Palhavá — o Instituto do Cancro.

Ao Cândido de Oliveira — passeios e pesetas.

Ao Benfica — um Anibal José de louça das Caldas.

Ao Alexandre Mendonça Alves — um automovel *chalado*...

Ao Salazar Carreira — um conto de réis para deixar á familia, na proxima deslocação como dirigente-orador.

Ao Carlos Santos — uma sede para o A. C. P.

Ao João Ortigão Ramos — um «Studebaker».

Aos juizes de campo — quinhentos escudos por arbitragem.

Ao Comité Olímpico — varios banquetes e um lote de discursos em segunda mão.

Ao Ricardo Ornelas — uma inscrição como jogador nas Olimpíadas de 1932, permitindo-lhe fazer a reportagem para *Os Sports*.

Aos criticos — uma gramatica de Epifanio Augusto da Silva Dias.

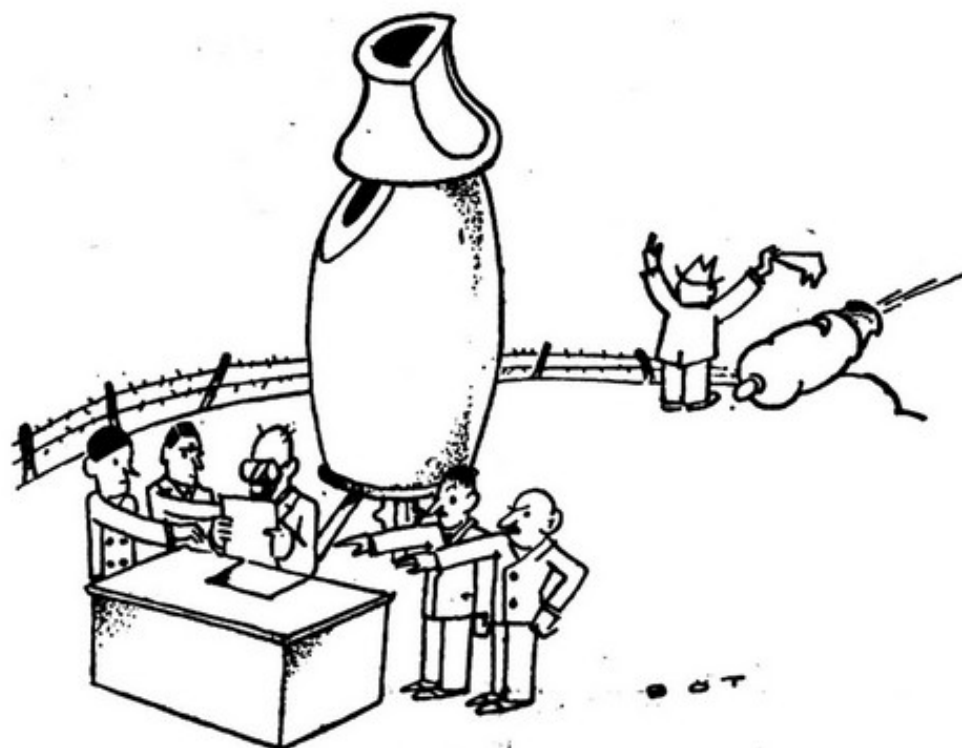
Aos *internacionais* — onze saca-rôlhas para arrancar indemnizações por salarios perdidos.

Ao dr. Oliveira Duarte — uma corôa de espinhos.

Aos nadadores, como não tinham sapatos, não poude caber um pouco de espirito de conciliação...

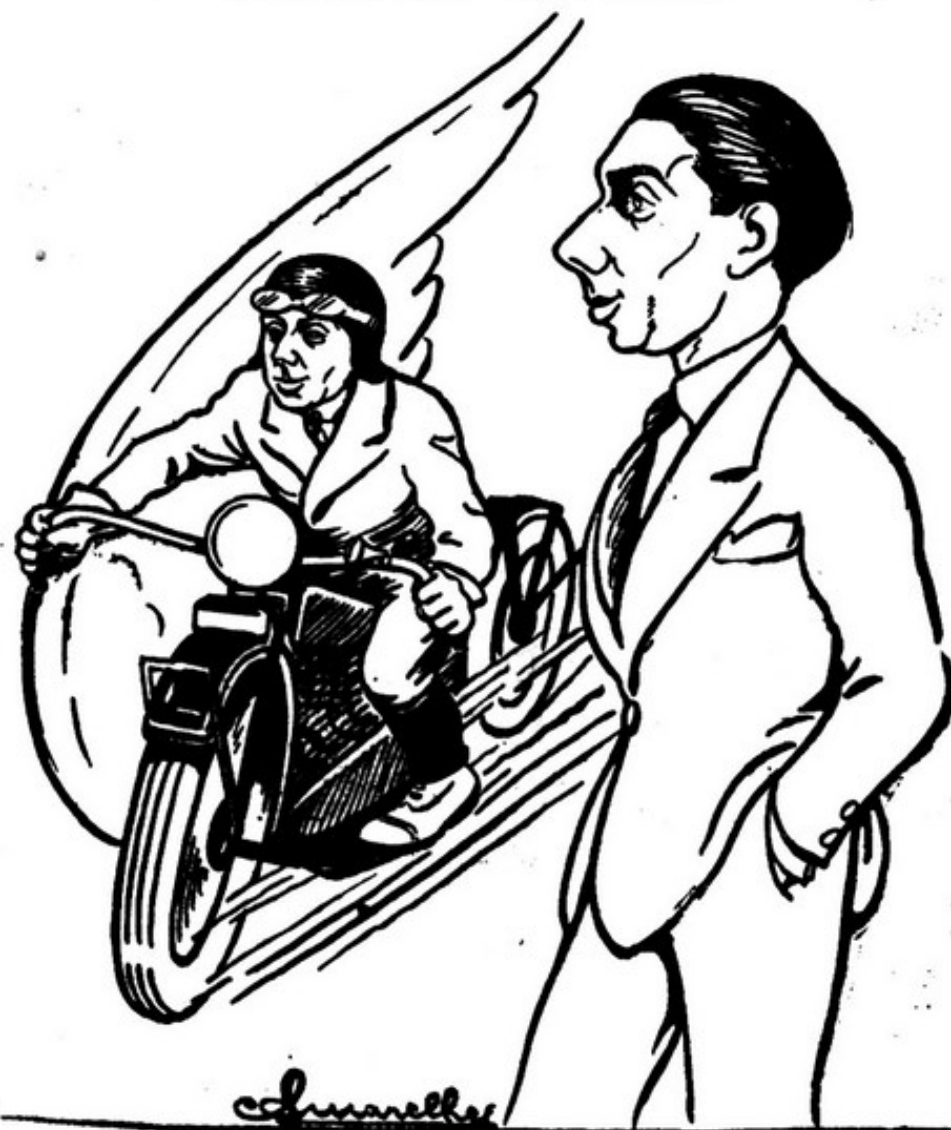
Os medicos da Associação de *Foot-ball* também nada tiveram. Com efeito, o menino Jesus viu, sôbre a chaminé, tantos pares de botas, que fugiu espavorido...

Um jornalista francês propõe que Carpentier figure, a título honorario,



Reuniram-se os homens do apito formando uma republica independente. Ai seus têsos!

MOUTON OSORIO



chunelle

O mais fixe de todos os motociclistas

na lista dos campeões de França...

Que diabo! Quando um homem teve a carreira de Carpentier, não é preciso que o seu nome figure como campeão honorario, para que os desportivos o não esqueçam.

Se isso pode satisfazer a *alma sensitiva* do jornalista francês, nós conservaremos a lembrança de Georges Carpentier, campeão com *C* maiusculo — sem que seja necessaria uma tabela para nos lembrarmos...

Um diplomata brasileiro ofereceu um premio de 20.000 francos ao primeiro jornalista francês que chegar ao Rio de Janeiro num avião francês, vindo de França!!!

A aviação entra definitivamente nos nossos costumes. Até ha pouco, os premios eram de 100.000 *dollars*. Actualmente já estão em 20.000 francos, o que não chega a representar 1.000 *dollars*. Desapareceram os tempos heroicos...

O senhor Pacheco, ministro do Brasil, é muito exigente. E os seus vinte mil francos mal chegam para pagar as provisões de viagem: em chocolate, bananas e *champagne*.

Disseram os jornais que o «Sporting» jogára no domingo com o «Ferenvaros». E' mentira! O «Sporting» não jogou coisa nenhuma...

Os húngaros tocaram-lhe a «Alma de Dios» e tão bem que alem da primeira vez, bisaram mais cinco...

Acabou a primeira parte—4 a 0. Os «haut-parleurs» instalados nos camarotes, deram no intervalo uns sons sinistros, que dir-se-iam ser os gemidos das tradições «leoninas». Ou então: os húngaros a arrotar...

No segundo tempo, os estrangeiros, penalizados, passearam pelo campo, bastante á vontade... e sem magoar muito...

Mas que desgraçado fecho de ano!

Rebola-A-Bola.

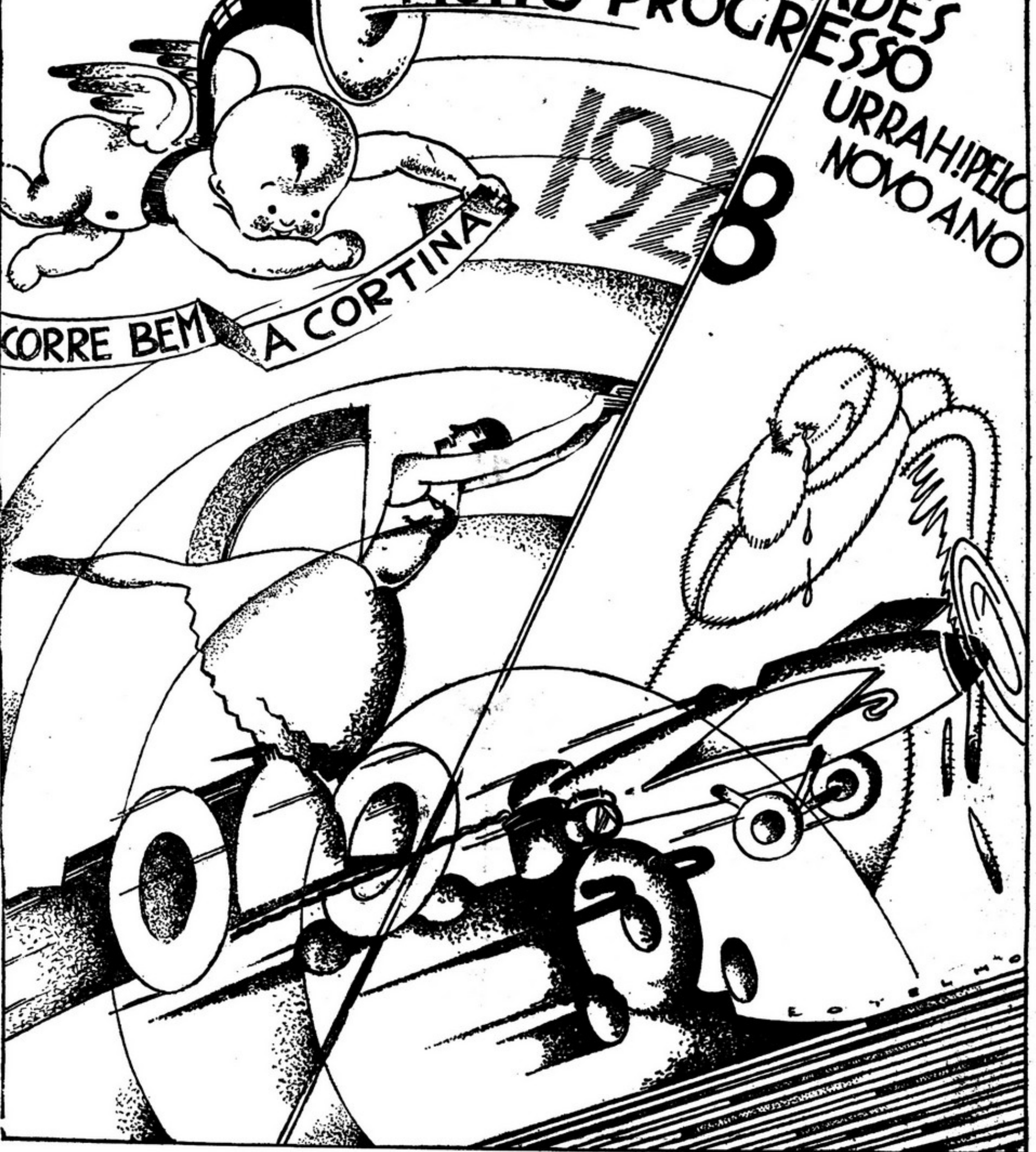
FUMEE SUNRIPE

Sortes grandes
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

ECO DA SEMANA

1929

— EDITORES!
MUITAS FELICIDADES
MUITO PROGRESSO
URRAH! PELO
NOVO ANO



CORRE BEM A CORTINA

1928

E. O. Y. L. M.